

Somos todos macacos ou bananas?

Análise semiótica do discurso étnico-racial contemporâneo

Giane de Cássia Santana

Professora da Rede Pública Estadual de São Paulo
Mestranda em Políticas Públicas na UMC

Luci Mendes de Melo Bonini

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.
Professora do Mestrado em Políticas Públicas da UMC
e do Mestrado em Habitação do IPT-USP
Líder do GRUPPU, CNPq.

Rosália Maria Netto Prados

Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela USP
Professora designada pela CESU/CPS-SP
Professora do Mestrado em Políticas Públicas da UMC

Recebido: 25 fev. 2017

Aprovado: 22 abr. 2017

Resumo: Propõe-se uma análise semiótica de memes, textos que contêm conceitos ou expressões que se espalham via Internet. Este estudo fundamenta-se na Semiótica do discurso, de linha francesa, que se baseia na linguagem. Objetiva-se analisar o discurso subjacente ao texto. Foram selecionados, de redes sociais, dois quadrinhos, cujo tema é o preconceito étnico-racial, sobre o caso de racismo sofrido por Daniel Alves, em um jogo de futebol, fato que gerou a campanha “Somos todos Macacos”.

Palavras-chave: Ciberespaço. Integração Subordinada. Raças Sociais. Semiótica.

Abstract: We propose a semiotic analysis of memes, texts that contain concepts or expressions that are spread via Internet. This study is based on Semiotics of discourse, of the French line, which is based on language. The objective is to analyze the underlying discourse in the text. We selected two comics from social media related to ethnic and racial prejudice, more specifically about the racism suffered by Daniel Alves in a football game, a fact that generated the campaign "We are all Monkeys".

Keywords: Cyberspace. Subordinated Integration. Social Races. Semiotics.

Resumen: Proponemos un análisis semiótica de memes, textos que contienen conceptos o expresiones que se propagan por Internet. Este estudio tiene como base teórica la Semiótica del discurso, de la línea francesa, que tiene sus fundamentos en el lenguaje. El objetivo es analizar el discurso subyacente al texto. Fueron seleccionadas, las redes sociales, dos cómics, cuyo tema es el prejuicio étnico y racial en el caso del racismo sufrido por Daniel Alves en un partido de fútbol, hecho que ha generado la campaña "Todos somos monos".

Palabras Clave: El Ciberespacio. La Integración Subordinada. Razas Sociales. Semiótica.

Introdução

O objeto de pesquisa deste estudo é o gênero textual “meme”. Seleccionamos dois deles, replicados nas redes sociais, bem como em outras mídias, durante um curto período de tempo, tendo como suporte uma “campanha solidária”, que se relacionou a questões raciais e propagação do jargão “Somos todos macacos”, originada após o caso de racismo sofrido por Daniel Alves, em um jogo de futebol.

Embora a replicação de tais textos tenha se dado por pouco tempo, foi o bastante para percebermos a existência do preconceito racial que existe em nossa sociedade. É uma utopia o fato de que brancos, negros, mulatos, índios vivam em perfeita harmonia, segundo Guimarães (1999), a negação do racismo e da discriminação racial.

Sabe-se que, no cotidiano social brasileiro, o momento de humilhação vivido pelo jogador, no exterior, não é uma fatalidade, ou um episódio esporádico para muitos brasileiros como pareceu ser. Pelo contrário, muitas pessoas passam por situações parecidas com aquela vivida por Daniel Alves ou muito piores.

Barreto (2015), após analisar mais de 11 mil edições de jornais e revistas entre 1808 e 2015, afirma que: "A noção de que o Brasil é um país hospitaleiro, onde todos os estrangeiros e imigrantes são bem-vindos, não passa de um mito".

Nesta pesquisa evidenciam-se, pela análise semiótica do discurso subjacente ao texto dos “memes”, sistemas de valores das relações étnico-raciais num contexto midiático contemporâneo. Para tanto, ativemo-nos ao ciberespaço, analisando dois textos mêmicos, segundo a Semiótica do Discurso, da linha fundada por Greimas (2001).

Esta análise nos permitiu revelar as representações ideológicas contemporâneas sobre a temática, bem como o papel do gênero em questão, na comunicação, enquanto força poderosa que molda o desenvolvimento cultural, segundo Blackmore (2002), através de ideias copiadas de indivíduo para indivíduo pela imitação.

O termo “meme”

Nesta pesquisa, abordamos o termo “meme”, como os usuários do ciberespaço o definem, o que se propaga, ou se espalha aleatoriamente, replicando-se na Internet, por meio de frases ou imagens. Para Dawkins (2007), a vida evolui pela sobrevivência diferencial de entidades replicadoras, no caso o gene, sendo a molécula de DNA (ácido desoxirribonucleico, composto orgânico, cujas moléculas contêm as instruções genéticas), parte componente daquele, a entidade replicadora mais comum em nosso planeta. Portanto, segundo o autor, outro replicador, além do gene, haveria surgido em nosso planeta e, apesar deste estar em sua infância, já consegue uma mudança evolutiva a uma velocidade que deixa o gene para trás. Assim, o vocábulo “mimeme” que na língua grega significava imitação, foi adaptada para “meme” pelo autor. (DAWKINS, 2007).

Para Dawkins (2007), a cultura "evolui", por meios não genéticos, sendo a variação linguística um dos muitos exemplos, como moda, alimentação, costumes, entre outros. Segundo o autor, o agente replicador responsável pela evolução dos exemplos elencados acima são os “memes”, que se propagam de uma mente a outra, por meio da imitação, daí a analogia aos genes. Blackmore (2002) reforça as ideias de Dawkins, dizendo que os memes são histórias, canções, hábitos, habilidades, invenções e maneiras de fazer coisas que, através da imitação, são copiadas de uma pessoa por outra.

Um “meme” tem a garantia da extensão de sua sobrevivência ou evolução pela sua fertilidade, portanto um “meme” fértil é aquele que se replica por muito tempo no mundo virtual e que se grava na mente transformando-a num veículo para sua propagação. Dawkins (2007) afirma que, quando um meme fértil é plantado em nossa mente, este, literalmente, parasita nosso cérebro, transformando-o num veículo para sua propagação, como um vírus pode parasitar o mecanismo genético de uma célula hospedeira. Blackmore (2002) complementa as ideias do autor dizendo que devemos pensar no papel do gênero em questão, enquanto força poderosa que molda nossa evolução cultural através de ideias copiadas de indivíduo para indivíduo pela imitação.

Esta análise dos memes possibilita refletirmos acerca de seu papel como forma de representação ideológica das vozes da sociedade contemporânea em relação às questões étnico-raciais. Tais representações, no entanto, perpassam anos, décadas e séculos e, nesse caso, continuam tendo uma força imensa, à medida em que

percebemos, ainda, apesar de todo avanço, que o Brasil é uma sociedade excludente e discriminatória.

O percurso gerativo do sentido nos “memes”

A Semiótica, em que se fundamenta esta pesquisa, tem suas raízes na teoria da linguagem, em que se concebe a língua como instituição social, protagonizada por Algirdas Julien Greimas. O objeto desta é a significação e estruturas significantes que modelam os discursos social e individual. Segundo Bertrand (2003), o lugar exato do exercício semiótico não é o do signo empírico e de suas codificações, mas o do sentido que o signo suscita, que articula e que o atravessa na constituição dos discursos.

Segundo Greimas (2001), cabe à Semiótica uma metodologia que possa alcançar o significado, no sentido amplo, uma vez que, o plano da manifestação, no processo discursivo, reúne uma *expressão* e um *conteúdo*. A análise semiótica, segundo a perspectiva do discurso, não se poderia constituir, sem que se tomasse significado e significante, tal como na análise linguística, e se ultrapassasse esse nível para analisar as unidades mais profundas e menores de cada um desses planos, para a reconstrução do sentido nesse processo enunciativo (PRADOS, 2008).

Dessa maneira, segundo Prados (2008), pressupõe-se uma estrutura narrativa do discurso, bem como uma semântica narrativa e a generalização de uma dimensão semio-narrativa, das estruturas modais e passionais, para o reconhecimento das principais articulações da sequência discursiva. Para a compreensão do campo de estudo dos discursos, de acordo com a Semiótica, inicialmente, de acordo com a autora, é necessário considerar a capacidade de linguagem do ser humano, que se comunica por meio de sistemas de signos que, por sua vez, estão disponíveis para a atualização, que é o processo que permite trazer um signo, dos bancos de memória, para uma situação nova.

No processo da atualização linguística, por exemplo, signos e regras comuns a todos os membros de um grupo são organizados num percurso exclusivo, de modo a poder dar conta de uma experiência e transmitir essa análise ao próprio falante (diálogo interior) e a outros falantes (processo de comunicação). O processo da atualização é um nível semiótico, porque são signos e leis combinatórias que constituem processos

discursivos e pertencem a um grupo sócio-linguístico-cultural, em que são selecionados e organizados nas diferentes linguagens, verbais ou não verbais (PRADOS, 2008).

De acordo com a metodologia semiótica, ao tratarmos da reconstrução do processo discursivo dos “memes”, segundo a estrutura narrativa do discurso, que é uma etapa do percurso gerativo do sentido, conseguimos identificar não apenas os sistemas de valores socioculturais neles veiculados, mas também os sistemas passionais ali subsistentes que afetam diretamente o leitor. Num percurso de manipulação, o Destinator instaura um Sujeito, na modalidade do querer um Objeto de Valor, por meio da sensibilização. Temos a transformação no decorrer da narrativa para a qual se dá o nome de transformação do estado da alma dos sujeitos.

A semiótica, a princípio, buscou explicar as transformações nos “estados de coisas”, pouco se falava do sujeito que passava por essas transformações e que experimentava diferentes “estados de alma” na sua relação com o objeto-valor e com outros sujeitos (destinador, antissujeito). No entanto, os avanços no estudo da modalização do ser abriram, definitivamente, o caminho para a semiótica das paixões, que, diferentemente da lógica e da psicanálise (que enfocam as paixões apenas do ponto de vista taxionômico), voltou-se para a descrição do processo, buscando dar às paixões-lexemas e a suas expressões discursivas, definições sintáticas (BARROS, 1999, p. 61).

Neste sentido, estudamos as diferentes linguagens e a construção dos sentidos no universo dos “memes” com o auxílio da semiótica das paixões que trata dos sentimentos, emoções e paixões manifestadas nos universos discursivos, a partir do quadrado semiótico de Greimas (2001). Para Prados (2008), o campo da pesquisa da Semiótica das Paixões tem sua origem diretamente das hipóteses teóricas e dos procedimentos metodológicos da Semiótica geral, mas foi delimitado progressivamente, a partir do engajamento da subjetividade no campo da afetividade.

Preconceito racial e paixões contemporâneas

Para caracterizarmos de maneira bastante clara os textos mêmicos, que analisamos a seguir e que respondem respectivamente pelos slogans: “Somos todos macacos”, “Somos todos bananas”, passamos, de fato, pelo campo das paixões, uma vez que os textos selecionados remetem a um momento sociocultural de controvérsias a respeito da identidade do brasileiro, partindo do contexto de um ato de discriminação

racial sofrida por um jogador da seleção brasileira que causou uma mobilização nacional.

Em reportagem da Folha Uol, do dia 27/04/2014, o jogador Daniel Alves, do Barcelona, enquanto se preparava para cobrar um escanteio, abaixou-se, pegou uma banana atirada por um torcedor e a comeu. Prosseguiu o jogo como se nada tivesse acontecido e respondeu de forma peculiar a uma manifestação racista da torcida do Villarreal, no estádio El Madrigal, em partida do Campeonato Espanhol. Tal atitude teve repercussão por todo o mundo e o jogador recebeu elogios de toda parte, dando origem à campanha #somostodosmacacos.

Segundo a revista Veja de 28/04/14, a manifestação antirracista se replicou nas redes sociais. Foi uma campanha de marketing pensada pela equipe do jogador de futebol, Neymar que, ao publicar, em sua conta no Instagram, uma imagem de apoio ao companheiro do Barcelona, Daniel Alves, e usar a marcação #somostodosmacacos, deu o pontapé inicial a uma ideia arquitetada duas semanas antes com a agência de publicidade Loducca, do grupo ABC, logo após Neymar, também, ter sido alvo de racismo durante um jogo entre o Barcelona e o Espanyol.

Em entrevista à Veja, o publicitário Guga Ketzer, sócio da agência Loducca, disse que Neymar e seu pai o haviam procurado para dizer que precisavam se posicionar em relação às manifestações racistas. Foi então que surgiu a ideia de acabar com o preconceito tirando a força dele. Quando jogassem uma banana em campo, Neymar a comeria e isso se tornaria um movimento, mas como Daniel Alves fizera isso antes, eles soltaram a campanha apenas com Neymar se manifestando sobre o ocorrido. Tal atitude deu origem a um movimento que teve grande repercussão e apesar de fomentar discussões controversas contou com a colaboração de inúmeras personalidades: dentre artistas, jogadores, cantores e políticos brasileiros.

Análise semiótica do discurso subjacente nos “memes”:

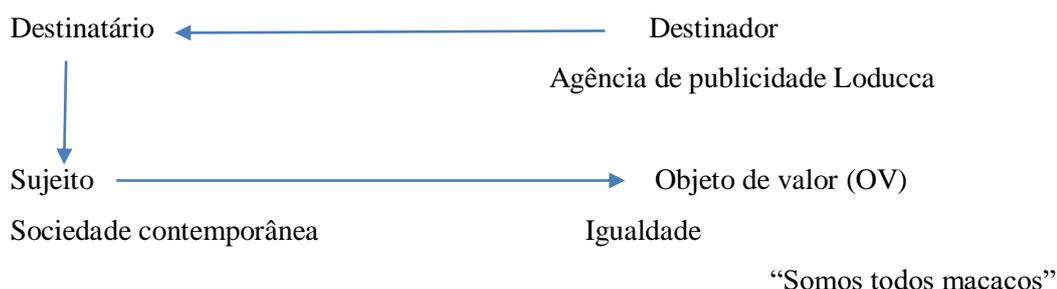
Segundo Pietroforte (2006), no plano de conteúdo do texto a figuratividade semantiza as categorias sintáticas de pessoa, tempo e espaço. Na relação entre o verbal e o plástico, tanto a foto quanto a legenda manifestam o mesmo percurso figurativo. Evidencia-se, portanto, uma ancoragem. A legenda explica a foto, pois há uma redundância sêmica e a figuratividade formada no conteúdo do texto é expressa tanto no verbal, quanto pela foto.

No “meme”, fig. 1, revela-se o discurso do preconceito racial, mas, anterior a este, existe outro discurso, o da agência publicitária que recortou a realidade sob o olhar de jogadores brasileiros, que sofreram discriminação no exterior, e tratou esta informação segundo uma semiótica sincrética, aquela em que percebemos a linguagem verbal e não verbal.

Meme 1: Os jogadores David Luiz, Oscar e William participaram de um vídeo nas redes sociais cuja mensagem era contra a discriminação racial.¹

Segundo o modelo canônico de análise narrativa em Semiótica, que apresenta as relações actanciais do texto em questão, o Destinatador manipulador é Agência de Publicidade que instaurou no *Sujeito*, sociedade contemporânea, um *crer*: não há desigualdade racial no Brasil. Um *crer* na ideia de que todo ser humano é igual sem qualquer distinção, reduzindo-o a um único comparativo, embora pejorativo: o macaco.

Figura 1. Relações Actanciais



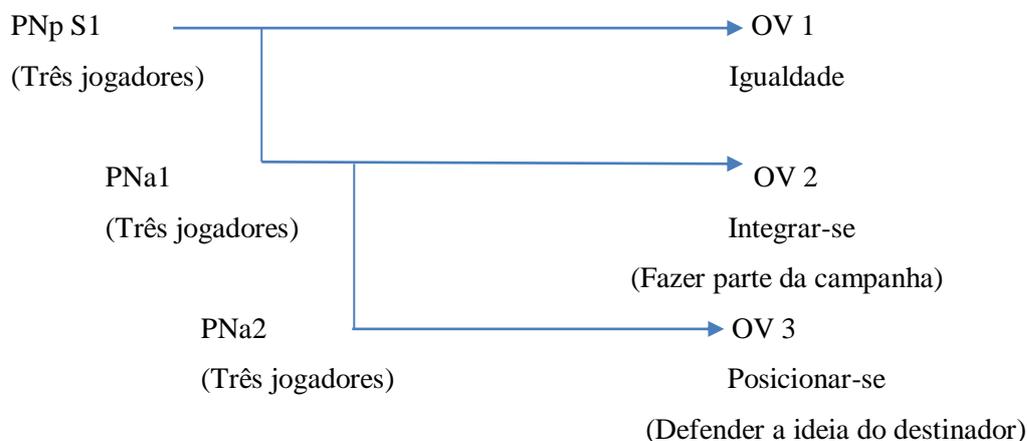
De acordo com Prados (2008), do texto em questão, depreendem-se outras leituras significativas, para tanto, valemo-nos agora do programa narrativo (PN) que é uma estrutura sintáctica que revela o paradigma actancial, pela relação entre o sujeito e o objeto de valor.

O discurso manifestado no texto, três jogadores, que tratamos como Sujeito1 e focalizamos a estrutura de superfície do “meme 1”, que apresenta em sua tematização e figurativização o preconceito racial contra as pessoas negras (tema) e (figurativizado pela frase “Somos todos macacos” e pela imagem de três jogadores segurando uma banana).

O Sujeito (S1) (três jogadores) que têm um Programa Narrativo Principal (PNp) em busca do seu Objeto de Valor (OV) (Igualdade) e Programas narrativos Auxiliares (PNa). Essa narratividade vai se manifestar em uma estrutura superficial, que em

Semiótica é tratada como estrutura discursiva, na qual configuram-se os temas (preconceito racial e injustiça social).

Figura 2. Programa narrativo de S1



Tal leitura nos permitiu perceber outros programas auxiliares do Sujeito1, em busca do seu Objeto de valor principal e que, para isso, passa por provas qualificantes, na busca de objetos de valor auxiliares.

No PN, o Destinador manipulador, na ordem do saber, instaura o Sujeito1 na narrativa, num percurso virtualizante que o seduz a *crer* que todo ser humano descende do macaco, mas o jogo dos contrários é evidente no texto e podemos perceber claramente que temos um *não-poder-fazer-crer*, que se evidencia pelo discurso da diversidade racial brasileira, revelada na imagem dos três jogadores brasileiros com características étnico-raciais distintas, além da referência à equivocada interpretação dada às ideias de Charles Darwin sobre a tão contestada “teoria da evolução”.

Os jogadores, no entanto, fazem uma campanha antirracista buscando justiça racial e social, defendendo a ideia que se manifesta pelo Destinador manipulador, o que é bastante plausível, mas igualam-se a macacos. Seria esta, a melhor maneira de combater o racismo? Somos mesmo macacos? Quais ideologias estão por trás deste “meme”?

É sabido que o homem não veio de um macaco, ele é um tipo de primata como os macacos, mas macacos e os homens seguiram caminhos distintos no processo evolutivo. O que existiu no caso foi um ancestral comum entre os dois e a distorção da teoria de Darwin, cuja interpretação foi a de que o ser humano era uma evolução do macaco.

A Revista *Super Interessante*, de novembro de 2009, fez uma reportagem intitulada: “O homem moderno evoluiu do macaco”. Esta ideia não passa de um mito e de acordo com o artigo, Charles Darwin não gostaria nem um pouco de ver sua Teoria da Evolução sendo usada para afirmar que seres humanos são descendentes de macacos. O antepassado comum, entre esses últimos e nós, viveu há mais de 6 milhões de anos, em algum lugar da África e tinha detalhes anatômicos que não existem em nenhum animal hoje. Este primata deu origem a duas linhagens distintas, quais sejam: os macacos de hoje e o homem moderno.

Neste caso, podemos dizer que tivemos um antepassado em comum ao macaco, mas não descendemos deste, logo a afirmação levantada no “meme 1”, no contexto atual, leva-nos a pensar que persiste, em geral, o desconhecimento acerca dos processos evolutivos.

Ademais, no “meme 1”, reduzir todos os brasileiros ao termo “macacos” funciona como um recurso para equiparar-nos uns aos outros, ainda que de forma pejorativa, mas o fato é que a ideia de igualdade racial é reforçada pelas expressões de espanto ou indiferença, ao ato discriminatório sofrido por Daniel Alves, retratada no rosto dos três jogadores no texto, induzindo os leitores a pensarem que a discriminação racial é infundada no contexto social brasileiro e que brancos, negros, amarelos ou vermelhos vivem “pacificamente” no Brasil. Ronaldo Sales Júnior daria a tal fenômeno o nome de Integração Subordinada, o que se justifica pela citação que segue:

No Brasil, a Revolução de 1930 e o Estado Novo caracterizaram-se pela incorporação tutelada das massas urbanas à sociedade oligárquica e pela construção de uma ordem institucional que permitisse a incorporação dos novos atores à arena política. A inclusão do “negro” deu-se por meio de políticas nacional-populistas de **integração subordinada** das classes e grupos populares e pela redução dos poderes das oligarquias tradicionais com suas ideologias racistas. (SALES JR., 2006, p. 230 – grifo do autor).

Desta época, surgiu a ideia de igualdade racial que, ao contrário do que muitos pensam, foi uma estratégia política para organização de uma nova ordem institucional o Estado Novo - conforme Guimarães (1999), para tanto era necessário integrar os negros à sociedade, mas tal integração se deu de forma subordinada, ou seja, o negro agora seria considerado parte da sociedade, desde que sua posição fosse inferior à do branco por hierarquia.

O discurso subjacente ao texto do “meme 1”, propagado nas redes sociais apenas por personalidades de destaque, no contexto midiático brasileiro, revela que a integração do negro ainda se dá de forma subordinada, ou melhor, ele é considerado como igual desde que... *tenha uma alma branca?* E que se adapte à cultura e aos padrões ocidentais, reduzindo-se a ser grato pelas oportunidades que o branco lhe dá e ser bem-sucedido financeiramente, em áreas profissionais específicas, às quais os brancos não almejam. Desde que se contentem com pequenas cotas em universidades, não que o sistema de cotas seja algo ruim, mas limitar uma quantidade de vagas para negros é um tanto estranho. E por fim, desde que o negro aceite ser discriminado em público pelo branco e ignore tal situação, como no caso do jogador. Guimarães afirma que:

Tais práticas racistas são quase sempre encobertas para aqueles que as perpetuam por uma conjunção entre senso de diferenciação hierárquica e informalidade das relações sociais, o que torna permissíveis diferentes tipos de comportamentos verbais ofensivos e condutas que ameaçam os direitos individuais. Trata-se de um racismo às vezes sem intenção, às vezes "de brincadeira", mas sempre com consequências sobre os direitos e as oportunidades de vida dos atingidos. (GUIMARÃES, 1999, p. 155-156)

O fato de reduzirmo-nos a macacos, ainda que de forma irônica, não assegura os direitos do negro, apenas reproduz a antiga ideia de que a questão da igualdade racial brasileira é um mito. Salles Jr (2006) ratifica que a convivência pacífica entre negros e brancos no Brasil é um “mito da Democracia Racial”, que provoca o desconhecimento ideológico do racismo, produzindo a ausência de dados e fatos sobre as desigualdades raciais existentes no país. Tal mito camufla dados e fatos discriminatórios, obscurece as desigualdades raciais existentes no Brasil e as ideologias racistas que apartam e subordinam o negro, negando-lhes o direito às mesmas oportunidades e o mesmo respeito destinado ao branco e forçando-o a deixar de lado sua identidade, abdicando de seus costumes ou crenças.

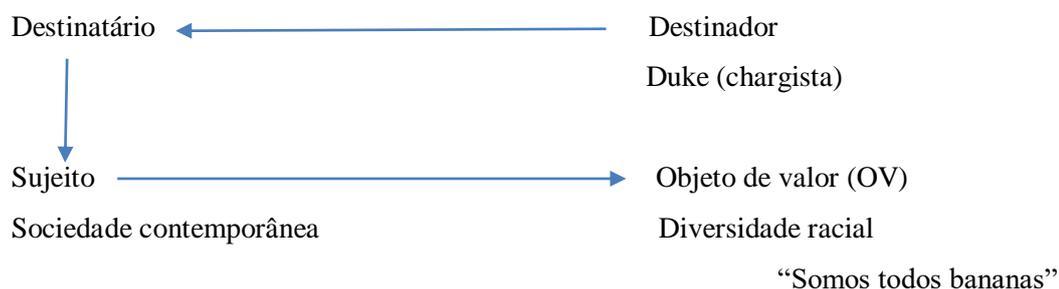
As contradições descritas acima colocaram em xeque, à época, a veracidade do texto mêmico em questão, gerando réplicas, segundo Recuero (2007), metamórficas, ou seja, aquelas que reinterpretem e alteraram o “meme 1”, quando passado adiante, dando origem a um novo “meme” com o slogan “somos todos bananas”:

Meme 2: Uma charge num painel de fundo branco, com a frase *Somos todos Bananas* no topo e a foto de seis bananas com diferentes cores de cascas com a assinatura de um artista.ⁱⁱ

Esse “meme 2”, uma charge de Duke, que se replicou na internet, opõe-se à ideia de igualdade racial brasileira propagada no “meme1” (Fig. 1). Na imagem acima, podemos ver várias bananas descascadas, cada qual com a casca de uma cor, porém a fruta em si tem as mesmas características, inobstante a cor se suas cascas, o que nos leva a fazer a analogia das bananas com pessoas, cada qual com suas características próprias, mas com uma única essência: a de ser humano.

O texto mêmico, em questão, evidencia no discurso um *poder fazer saber*: somos diversos, temos características físicas diferentes, pensamos de formas diferentes, mas acima de tudo somos humanos e isso basta para termos assegurados os mesmos direitos. Não somos iguais, mas temos a priori os mesmos direitos. Segue o modelo canônico de análise Semiótica da narrativa do discurso manifestado nesse texto:

Figura 3. Relações Actanciais



O Destinatador desse discurso do “meme 2” (fig. 4) evidencia o discurso da diversidade racial de maneira bem-humorada, na figura das bananas, levando o leitor a *saber*, como foi dito, que somos racialmente diversificados. Temos nossa cultura, costumes, maneira de vestir e culinária próprias, sendo, pois, essas diferenças que nos identificam e que caracterizam quem somos e a qual grupo pertencemos. A respeito da identidade, Pais nos diz: “Trata-se de um conjunto de características que uma pessoa atribui a si mesma, ou, então, de qualidades que um grupo humano confere a si mesmo” (PAIS, 2007, p 20).

O Brasil se constitui por povos de diversas etnias, a diversidade nos caracteriza como brasileiros, logo não há no contexto atual brasileiro uma identidade central e unificadora para todos, em contraponto ao que foi manifestado no “meme 1”.

Conforme Hall (2005), as identidades que outrora estabilizavam o mundo social estão em decadência e novas identidades estão surgindo, ou seja, o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, esta se forma e se transforma a todo tempo. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p 2).

Não existe então uma identidade unificada para grupos ou pessoas. O brasileiro assume identidades diferentes em momentos e situações diferentes. Para o jogador Daniel Alves, ignorar um insulto, comendo a banana que lhe foi jogada, aconteceu de maneira bem natural.

Observemos agora o programa narrativo (PN) abaixo, em que temos o Sujeito1 (brasileiros) que está em busca do objeto de valor principal, Manipulação da Mídia.

Figura 4. Programa narrativo S1



No “meme 2” (fig.4) o Sujeito 1, brasileiros, é retratado pelas bananas e para este sujeito figura-se o objeto de valor, *manipulação da mídia*, e para isso quer o objeto de valor, respeito à diversidade. O percurso gerativo do texto leva o sujeito a *saber* da manipulação da mídia sobre as atitudes humanas, quando em tom de crítica o destinador diz: “Somos todos bananas”, demonstrando uma atitude de repúdio ao que foi dito no “meme 1” e em resposta a todos aqueles que concordaram com a afirmação nele contida.

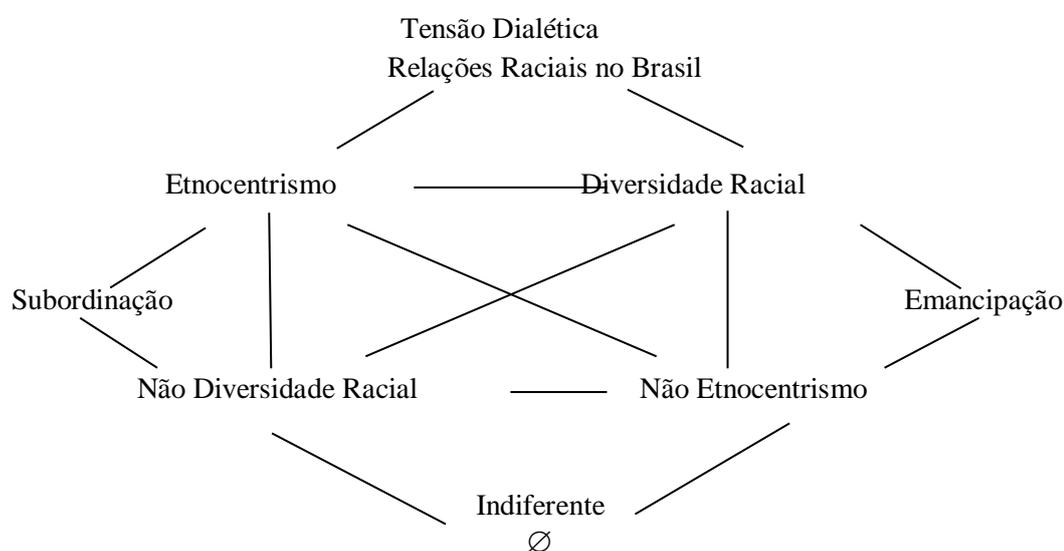
Ser “banana”, no contexto informal de comunicação, é o mesmo que ser uma pessoa sem atitude, que não se posiciona diante dos fatos, que não se impõe, logo tal expressão nos leva a *saber* da manipulação da mídia sobre as pessoas e, conseqüentemente, nos leva a questionar a postura passiva da população brasileira acerca da questão racial e da falta de criticismo diante daquilo que é propagado pelos meios de comunicação.

A ideia de respeito à diversidade racial também aparece implicitamente no texto mêmico contrapondo-se, mais uma vez, ao primeiro texto que desrespeita tal diversidade, negando-a, porém no “meme 2”, as cascas coloridas das bananas descascadas evidenciando o núcleo comum a todas elas, qual seja a própria fruta, leva o sujeito a *saber* que apesar da essência humana somos diferentes de fato e que se não reconhecemos as diferenças, devemos ao menos respeitá-las.

Uma estrutura mais profunda, sustentada em contrários e contraditórios e com base no modelo lógico aristotélico, denominado octógono semiótico, no qual a semiótica greimasiana se alicerçou, nos permitiu descrever, como veremos a seguir, as ideologias ou sistemas de valores, subjacentes nos dois “memes” analisados. Vejamos, então, como se dão as relações raciais no Brasil e as controvérsias discursivas em relação ao preconceito racial.

De um lado temos a ideologia etnocêntrica (propagada no “meme 1”), com a ideia da uniformidade racial e do outro a ideologia que valoriza a diversidade étnico-racial brasileira (“meme 2”), reconhecendo a formação miscigenada do nosso povo:

Figura 5. Octógono Semiótico (baseado em Pais, 1997)



No octógono temos o eixo dos contrários, o etnocentrismo e diversidade racial, que se caracteriza pela tensão dialética, subordinação de algumas raças em relação a outras e o respeito à diversidade. No eixo dos subcontrários, a “não diversidade racial” e o “não etnocentrismo”. Na dêixis positiva, uma ideologia que reconhece e valoriza a diversidade racial e esta se caracteriza pela emancipação, não apenas do negro, mas do

povo brasileiro como um todo. Tal emancipação visa diminuir as desigualdades socioeconômicas e raciais, e o racismo, desconstruindo o mito da Igualdade Racial.

E, na dêixis negativa, a posição do branco em relação ao negro, por meio do padrão eurocêntrico de civilização, caracterizada pela combinação de “etnocentrismo” e “não diversidade racial”. Decorre das normas e valores ocidentais, logo, os valores e a cultura do povo negro são julgados inferiores, primitivos, sendo rejeitados por aqueles que se autodenominam “brancos”.

As relações raciais no Brasil são ainda antagônicas, embora sejamos reconhecidos no exterior pela nossa “capacidade” de vivermos pacificamente com as diferenças de nosso povo. Mas, como se evidencia, ainda há muito que se fazer para diminuir a distância social entre negros e brancos no Brasil, haja vista casos recentes de discriminação racial.

Considerações finais

O preconceito racial brasileiro existe de maneira velada e é revelado pela análise do discurso de textos da mídia, novelas, filmes, sites e memes, sobre os quais essa pesquisa se debruçou. Essa análise semiótica permitiu, não só uma discussão a respeito da questão racial no Brasil, mas também a respeito do poder da mídia sobre o preconceito racial, que reproduz os padrões etnocêntricos de ser e viver. Os “memes”, por exemplo, são textos em que se caracterizam discursos que precisam ser analisados, afinal, são um gênero textual de grande circulação, principalmente entre os jovens.

Segundo a metodologia de análise do percurso gerativo de sentido dos textos, de acordo com Greimas (2001), foi possível desconstruir o discurso veiculado nos dois “memes”, de modo a evidenciar os valores subjacentes, desde a superfície até a parte mais profunda do discurso, possibilitando uma leitura menos ingênua dos textos. Digamos que, se tal análise fosse feita à época da repercussão destes, poderíamos ter curtido ou compartilhado qualquer um dos dois textos mêmicos com mais segurança, sabendo exatamente quais discursos estariam ali implícitos e se os mesmos se relacionariam de forma coerente às nossas convicções e valores, não apenas nos deixaríamos levar pelo modismo das mídias, compartilhando-os ou curtindo-os sem noção daquilo que realmente está dito e muitas vezes imposto por meio deles.

Após as análises e diante da ideia de que vivemos em um mundo contemporâneo, no qual, ainda, imperam ideologias que classificam, discriminam e oprimem minorias, utilizando-se de diversos instrumentos de manipulação, cabe-nos decidir de que lado ficamos: o dos macacos ou o das bananas? Não importa qual seja nossa decisão o fato é que ela certamente refletirá na maneira de agir e pensar daqueles que nos sucederão, bem como evidenciará o mundo que sonhamos construir.

Referências

- BARRETO, Gustavo. **Entrevista**. UOL Notícias, 26 de agosto de 2015. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2015/08/26/racismo-contra-imigrantes-no-brasil-e-constante-diz-pesquisador.htm> > Acesso em 15 de outubro de 2015.
- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1999.
- BERTRAND, Dénis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: Edusc, 2003.
- BLACKMORE, S. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- _____. The power of memes. **Scientific American**, New York, v. 283, p. 64-73, October 2000.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FOLHA, Uol. **Daniel Alves come banana atirada em campo por torcedor**. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/04/1446315-daniel-alves-come-banana-atirada-em-campo-por-torcedor.shtml>. Acesso em 28 outubro 2015
- GREIMAS, A. J. **Del sentido II: ensaios semióticos**. Madrid: Gredos, 2001.
- GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 54, 1999, p. 147-156.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- SALES JÚNIOR, Ronaldo Laurentino. **Raça e justiça: o mito da democracia racial e o racismo institucional no fluxo de justiça**. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFPE. 2006.
- MELO, Eliana Meneses de; GARCIA, Wilton; PRADOS, Rosália Maria Netto. **Linguagens, tecnologias, culturas: discursos contemporâneos**. São Paulo: Factash, 2008.
- PAIS, C.T. Texto, Discurso e universo de discurso. **Revista Brasileira de Linguística**. V.8. Global. São Paulo, 1997.

_____. Considerações sobre a semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcódificações transculturais. **Revista Acta Semiótica et Linguística**. SBPL, vol. 11, Ano 30, São Paulo: Terceira Margem, 2007.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. O Sincretismo entre as Semióticas Verbal e Visual. **Revista Intercâmbio**. V. 15. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3636/2378> > Acesso em 12 de novembro de 2015.

PRADOS, Rosália Maria Netto. Linguagens e construção do sentido no universo literário: discurso e paixões. In: MELO, Eliana Meneses de; GARCIA, Wilton; PRADOS, Rosália Maria Netto. **Linguagens, tecnologias, culturas: discursos contemporâneos**. São Paulo: Factash, 2008.

PUFF, Jefferson. Racismo contra imigrantes no Brasil é constante. **Notícias Uol**, 26 de agosto de 2015. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2015/08/26/racismo-contra-imigrantes-no-brasil-e-constante-diz-pesquisador.htm>> acesso em: 28 outubro. 2015.

RECUERO, R. C. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. Conexões nas Redes Midiáticas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 32, p. 23-31, abr. 2007.

REVISTA VEJA. **Neymar ia comer a banana**. Se foi o Daniel Alves, maravilha também, diz publicitário. Em 29 abril 2014. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/neymar-ia-comer-a-banana-se-foi-o-daniel-alves-maravilha-tambem-diz-publicitari>> Acesso em 28 outubro 2015.

SUPER INTERESSANTE. 1º Ano. O homem moderno evoluiu do Macaco. In: Blog Prof. Vitor. História na Rede. **História, Política & Sociedade**. Posts Tagged Charles Darwin, 2014. Disponível em < <https://profvitor.wordpress.com/tag/charles-darwin/> > Acesso em 20 de outubro de 2015.

SALES JR, Ronaldo. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo social**. Revista de Sociologia da USP. V.18. Nº 2, 2006, p. 229-258. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12523/14300> > Acesso em 25 de novembro de 2015.

SPORTV NEWS. **Trio da seleção posta vídeo aderindo à campanha “Somos todos macacos”**. Postado em 28.04.2014. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2014/04/trio-da-selecao-posta-video-aderindo-campanha-somos-todos-macacos.html>. Acessado em 08.02.2014

TRIBUNA DA INTERNET. **Charge do Duke**. Postado em 29.04.2014. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2014/04/trio-da-selecao-posta-video-aderindo-campanha-somos-todos-macacos.html>. Acessado em: 08.02.2017.

VEJA.abril.com.br. **Alvo de racismo na Espanha, Daniel Alves come banana jogada por torcedor**. Em 27 de abril de 2014. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/alvo-de-racismo-na-espanha-daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor> > Acesso em 11 de novembro de 2015.

Somos todos macacos ou bananas?

ⁱ O vídeo esteve disponível no link: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2014/04/trio-da-selecao-posta-video-aderindo-campanha-somos-todos-macacos.html>

ⁱⁱ A imagem pode ser acessada no link: <http://www.tribunadainternet.com.br/charge-do-duke-350/>